ARTE E LINGUAGEM II.

Módulo II
Análise e Leitura

ARTE . VISUAL . ENSINO

Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

Tópico 4
Análises Artísticas: Categorias de Valores.

UFMS
Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE VISUAL ensino

O que se chama de Leitura é, de fato, Análise de Obras de Arte destinada à sua apreensão e avaliação desenvolvida a partir de critérios sistemáticos com o fim de obter uma compreensão eficiente. Portanto, o processo de análise deve abordar informações e dados a partir de campos teóricos/conceituais no intuito de obter sentidos e significados presentes e pertinentes a ela. No contexto acadêmico, as análises artísticas têm por objetivo realizar uma avaliação crítica para explicitar integralidade e validade no contexto sociocultural, no tempo e no espaço em que foram concebidas e realizadas.

De modo geral as análises visam produzir Juízos de Valor. Pareyson defende que a estética estuda a estrutura da experiência artística e, como tal, determina o ser da Arte. Para Greenberg as teorias da Arte se articulam em torno de três ideias: a de *obra-prima*, a de *invenção criativa* e de *experiência do valor na percepção estética*. Ambos tomam a Estética e o Valor como elementos integrantes e integrados às análises de Obras de Arte. A Estética é o meio mais adequado de abordagem, agora vale a pena apontar como podem ser categorizados os *Valores* que participam ou integram tais obras.

São muitos os aspectos que podem ser traduzidos por Valores e analisados nas suas relações com as Obras de Arte Visual. Podem ser destacados alguns deles no intuito de facilitar a Análise sobre elas. Vale alertar para o fato de que tais valores podem não ser identificados em todas elas, embora sirvam de apoio às análises entre as manifestações artísticas e seus contextos socioculturais no tempo e no espaço. O que importa é reunir estratégias para o desenvolvimento de análises destinadas ao domínio dos sentidos, apreciação e mediação de possíveis abordagens.

Valor Simbólico

Valor Histórico

Valor Estético

Valor Expressivo

Valor Cultural

Valor Social

Valor Antropológico

Valor Psicológico

Valor Econômico

Esta relação não esgota a possibilidade de recorrer a outros que cumpram as mesmas finalidades dos que estão aqui relacionados. Na medida em que as manifestações artísticas se modificam, se transformam e se ampliam também são ampliadas as possibilidades de análise.

Valor Simbólico, pode-se dizer que este foi o primeiro aspecto que indicava algo de valor para a humanidade: a relação com o ser e estar no contexto em que vivia. Ao produzir as primeiras manifestações, além de demonstrar o interesse pelo que via no entorno, também garantiu sua presença e sua índole pelo imaginário, fosse ele natural ou fantástico. Ao mesmo tempo que instaurava sua presença no espaço, se apropriava dele, pois ao incorporar seu olhar nas paredes das cavernas, incorporou sua presença na história, já que tornar algo visível é se apropriar dele.

David Lewis-Williams e Jean Clottes, em *The Mind in the Cave* (2002) e *Os Xamãs da Pré-História* (1996), propõem a hipótese xamânica: as imagens rupestres registrariam visões obtidas em estados alterados de consciência, e as próprias paredes das cavernas seriam entendidas como "membranas" entre o mundo visível e um mundo espiritual — o valor simbólico aqui é diretamente cosmológico e ritual.
André Leroi-Gourhan, em *Préhistoire de l'art occidental* (1965), rompe com a leitura ingênua de "magia da caça" e propõe uma análise estrutural: os animais e signos se organizam em pares e oposições recorrentes (macho/fêmea, cheio/vazio) através de diferentes sítios, sugerindo um sistema simbólico compartilhado e transmitido culturalmente — não invenções isoladas.
Georges Bataille, em *Lascaux ou o Nascimento da Arte* (1955), lê a caverna como o momento em que o homem se separa da mera animalidade através do jogo, do excesso e da transgressão simbólica — a arte marcaria simbolicamente a passagem do trabalho utilitário para a experiência do sagrado e do lúdico.
Steven Mithen, em *The Prehistory of the Mind* (1996), propõe a teoria da "fluidez cognitiva": a arte simbólica surge quando módulos mentais antes separados (inteligência técnica, social, naturalista) se interconectam, permitindo pensamento metafórico e analógico — condição cognitiva para que uma imagem *represente* algo ausente.
Randall White, em *Prehistoric Art: The Symbolic Journey of Humankind* (2003), amplia o quadro para além das pinturas: ornamentos corporais, esculturas (como as "Vênus" paleolíticas) e objetos portáteis formam um sistema simbólico integrado de identidade, status e cosmovisão já no Paleolítico Superior.

Valor Histórico corresponde aos aspectos relativos ao período de seu surgimento. As condições socioculturais que proporcionaram tanto a formação artística, quanto as características formais, estilos, funções e motivações estão impregnadas nas Obras de Arte. Tudo isto possibilita o estabelecimento de identidades, tipificações, categorias, gêneros, tendências, escolas e movimentos que vão possibilitar a aproximação, o reconhecimento e validação delas em seu contexto histórico.

Valor Histórico:
A obra é compreendida como documento e testemunho de um tempo, refletindo condições sociais, técnicas e estéticas de sua época.
Alois Riegl, em *O culto moderno dos monumentos* (1903), é a referência fundadora: distingue "valor de antiguidade" (Alterswert), "valor histórico" e "valor de rememoração" na análise de monumentos.
Erwin Panofsky, com o método iconológico (*Estudos de Iconologia*, 1939; *Significado nas artes visuais*, 1955), situa a obra em seu contexto histórico-cultural para decifrar seu sentido intrínseco.
Arnold Hauser, *História Social da Arte e da Literatura* (1951), trata a arte como produto e agente da história social.

Valor Estético é constituído pelas qualidades sensíveis e materiais utilizados para elaboração das obras, as substâncias de expressão recorrentes que lhe dão forma, aparência e demais efeitos plástico-visuais e formais que determinam sua configuração. Neste campo entram, além de recursos materiais, instrumentos, ferramentas, aparelhos, meios técnicos, tecnológicos e demais estratégias destinadas à configuração tanto da imagem quanto de sua manifestação e presença na superfície e ambiente de acordo com a Luminosidade, Espacialidade e Temporalidade.

Valor Estético:
Refere-se à qualidade formal, sensível e perceptiva da obra: cor, composição, ritmo, harmonia e ao prazer/experiência que provoca.
Ernst Gombrich, *Arte e Ilusão* (1960) e *A História da Arte* (1950).
Clement Greenberg, formalismo modernista, *Arte e Cultura* (1961).
Rudolf Arnheim, *Arte e Percepção Visual* (1954), psicologia da Gestalt aplicada à forma.
Mikel Dufrenne, *Fenomenologia da Experiência Estética* (1953).

Valor Expressivo diz respeito ao Efeito, ao sentido, à significação que a obra proporciona aos espectadores, apreciadores e demais observadores. A apreensão sensória da obra é o acesso e o caminho para os demais valores. Os modos e maneiras de configuração e formatação indicam, sugerem e até mesmo determinam aspectos expressivos como cores, texturas, figuras, organização estrutural, personalidades, cenografia, tematizações, assuntos, conceitos e proposições. A maneira como os percursos de observação são criados e conduzidos também significam e levam à intepretação.

Valor Expressivo:
A obra como manifestação de estados internos, emoções ou intenções do artista ou de uma coletividade.
Benedetto Croce, *Estética como ciência da expressão* (1902), arte como intuição-expressão.
R. G. Collingwood, *The Principles of Art* (1938),distinção entre arte-expressão e artesanato.
Wassily Kandinsky, *Do espiritual na arte* (1911), como fonte primária de reflexão do próprio artista sobre expressão.

Valor Cultural depende dos sentidos, significados e condicionantes determinados pelo grupo que produziu as Obras de Arte, seja um indivíduo, uma comunidade, uma civilização ou qualquer outro contingente sociocultural que as tenha realizado. A visão de mundo que orienta a produção artística é baseada em valores próprios e estes valores, aspectos e condicionantes vão também se manifestar nas Obras de Arte produzidas naquele contexto. O Sistema de Arte dominante tende a estabelecer os pressupostos e determinantes do que é ou não Arte, portanto, a Cultura está presente na Arte.

Valor Cultural:
A obra como portadora e reprodutora de significados, códigos e identidades de um grupo cultural específico.
Clifford Geertz, *A Interpretação das Culturas* (1973), arte como sistema cultural.
Néstor García Canclini, *Culturas Híbridas* (1989) e *A Sociedade sem Relato* (2010), cultura visual em contextos de hibridação latino-americana.
Stuart Hall, estudos culturais e representação.

Valor Social da mesma maneira que na Cultura, a Sociedade detém aspectos e valores típicos e condicionados pelo contexto, pelo convívio, aspectos simbólicos, crenças e demais elementos que a identificam e também se manifestam nas Obras de Arte. Cada época, cada lugar e cada povo tem suas próprias manifestações artísticas. Tais manifestações revelam sua índole, interesses e concepções artísticas assim como atribuem *status,* credibilidade e reconhecimento a quem as realiza não se pode dizer que a Arte esteja isolada ou em desacordo com as condicionantes sociais que a geraram ou da qual resultam. O meio determina aquilo que se pensa, se faz e se propõe.

Valor Social:
Diz respeito às funções da obra na estrutura social: legitimação de poder, coesão de grupo, crítica social, mobilização política.
Pierre Bourdieu, *A Distinção* (1979) e *As Regras da Arte* (1992), capital cultural, campo artístico, gosto como marcador de classe.
Howard Becker, *Art Worlds* (1982), arte como produção coletiva e rede social.
Janet Wolff, *The Social Production of Art* (1981).

Valor Antropológico diz respeito à condição de ser humano. A Antropologia tem por finalidade estudar comportamento, biologia, cultura, sociedade, língua e outras características do ser humano e como tais características influem, interferem ou determinam sua índole e também as manifestações artísticas. Nem todas manifestações imagéticas ou visuais fazem parte da Arte, mas podem fazer parte dos sistemas de comunicação humanos. Do mesmo modo que manifestações populares ou folclóricas também não se enquadram como manifestações artísticas, mas são passíveis de serem analisadas antropologicamente e produzir sentido para a cultura.

Valor Antropológico:
A obra como artefato que revela cosmovisões, rituais, sistemas de crença e relações entre humanos, objetos e o sagrado.
Alfred Gell, *Art and Agency: An Anthropological Theory* (1998), a obra como "agente" em redes de relações sociais.
Hans Belting, *Antropologia da Imagem* (2001), distingue imagem, corpo e mídia numa perspectiva antropológica de longa duração.
Aby Warburg, conceito de *Pathosformel* e "Atlas Mnemosyne“, memória cultural incorporada nas imagens.

Valor Psicológico diz respeito, em primeira instância, a quem produz Obras de Arte: quais as motivações, interesses e intenções, contudo, nem sempre tais condicionantes são acessíveis a quem analise ou aprecia tais obras. Os estudos tanto de intenção quanto de recepção devem ser pontuados, delimitados dentro de determinadas condicionantes e, provavelmente, só servirão para as circunstâncias de tais estudos, mas não produzirão inferências ou conclusões para outras obras que estejam fora deles. Análises psicológicas devem ser feitas em condições delimitadas e controladas.

Valor Psicológico:
Relaciona-se aos processos cognitivos e afetivos de criação e recepção, projeção, catarse, identificação.
Sigmund Freud, *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), leitura psicanalítica da criação artística.
Ernst Kris, *Psychoanalytic Explorations in Art* (1952).
Lev Vigotski, *Psicologia da Arte* (1925/1965), a obra como estrutura que provoca "catarse" via tensão entre conteúdo e forma.
Donald Winnicott, conceito de espaço transicional, aplicável à experiência estética.

Valor Econômico diz respeito ao Mercado de Arte, ao Circuito de Arte e ao Sistema de Arte como todo, três instâncias que estão, em geral, interligadas. A demanda de Obras de Arte sempre existiu, no entanto, a atribuição de Valor Econômico, ou preço e mercantilização, é mais recente. A paga pelo trabalho dos artesãos e depois artistas foi se diferenciando em função da posição social do artista na sociedade. Na medida em que o respeito ao labor artístico aumentou, a paga pelo trabalho também cresceu. Hoje em dia, há também *marketing* e especulação econômica e financeira com Obras de Arte.

Valor Econômico:
A obra como mercadoria, ativo financeiro e objeto de especulação em mercados e instituições (leilões, galerias, feiras).
Pierre Bourdieu, novamente, com o conceito de "capital simbólico" convertido em capital econômico.
David Throsby, *Economics and Culture* (2001), teoria do valor cultural versus valor econômico.
Don Thompson, *O Tubarão de 12 Milhões de Dólares* (2008), etnografia do mercado de arte contemporânea.
Isabelle Graw, *High Price: Art Between the Market and Celebrity Culture* (2009).

Outros Valores podem ser considerados como foco de trabalho:

Valor de Culto e Valor de Exposição — categoria central em Walter Benjamin, *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica* (1935), que também introduz o conceito de "aura" como valor de autenticidade e unicidade, ameaçado pela reprodução técnica.

Valor Documental, a obra como registro fotográfico/etnográfico de acontecimentos, muito discutido em Georges Didi-Huberman, *Imagens Apesar de Tudo* (2003), e nos estudos sobre fotografia de Susan Sontag, *Sobre Fotografia* (1977), e Roland Barthes, *A Câmara Clara* (1980).

Valor Político/Ideológico, a obra como instrumento de propaganda, resistência ou crítica ao poder (Walter Benjamin sobre a "estetização da política"; John Berger, *Modos de Ver*, 1972, sobre ideologia e olhar).

Valor de Autenticidade/Originalidade, ligado à noção de aura (Benjamin) e discutido criticamente por Rosalind Krauss, *The Originality of the Avant-Garde and Other Modernist Myths* (1985).

Valor Institucional, a obra torna-se "arte" por reconhecimento de um sistema institucional (mundo da arte). Ver Arthur Danto, *"The Artworld"* (1964) e *Após o Fim da Arte* (1997); George Dickie, *Art and the Aesthetic* (1974).

Valor Identitário, a obra como afirmação de identidades de gênero, raça, sexualidade ou etnia. Ver Griselda Pollock, *Vision and Difference* (1988); bell hooks, *Art on My Mind* (1995).

Valor Pedagógico/Didático, função da obra na formação de sujeitos e na transmissão de saberes, central na tradição da educação pela arte (Herbert Read, *A Educação pela Arte*, 1943; Ana Mae Barbosa, *Arte-Educação: Conflitos/Acertos*, referência brasileira fundamental para o ensino de arte).

Valor Terapêutico, base da arteterapia (Margaret Naumburg; Edith Kramer, *Art as Therapy with Children*, 1971).

Valor Ecológico/Ambiental, valor emergente na arte contemporânea ligada à land art e à crise climática (T. J. Demos, *Decolonizing Nature*, 2016).

Ainda com relação aos valores e crenças que amparam a humanidade, eles podem ser operados nas várias e diferentes Obras de Arte, não se pode esquecer que grande parte delas foram representações, interpretações e/ou reinterpretações de temas verbais. Basta lembrar as obras baseadas na Mitologia grega e romana desde a antiguidade, passando pelo Renascimento, Neoclássico e que ainda hoje surgem aqui e ali com toda força. Como também as obras de caráter religioso ou histórico. Este tipo de escolha temática ocorre com bastante frequência a ponto de não parecer estranho.

É muito comum que crenças arraigadas em certos grupos ou culturas surjam nas representações visuais. De um modo ou de outro, a Arte Visual não está distante da sociedade e, por isso, pode toma-los como tema, assunto ou objetivo. Se a gama de valores é extensa, extensos são também os modos de trata-los. Os sistemas dominantes fazem uso desse expediente para exercer pressão sobre o meio social e promover seus interesses. Ao longo da história pode-se encontrar exemplos deste tipo de comportamento e, em certos momentos, a própria Arte se manifestando em oposição a ele.

Não se pode ignorar que o acesso às Obras de Arte se faz por meio de abordagens, aproximações, observações artravés das quais se depreenderão dados capazes de subsidiar as análises que serão desenvolvidas a partir delas. Neste sentido é comum que sejam estabelecidos critérios objetivos capazes de identificar aspectos e valores inerentes ou decorrentes de tais obras. No entanto, não se pode dizer que aspectos afetivos ou emocionais fiquem de fora, quem avalia pode deixar-se contaminar pelo gosto ou preferência, neste sentido as análises perderiam objetividade e ganhariam subjetividade.

Abordagens subjetivas, caso não contribuam para o campo acadêmico podem, no entanto, serem tão ricas em sentidos e significações quanto as obras analisadas. Neste caso não se trata necessariamente de análises mas de reoperações, transcrições, interpretações ou transcrições intersemióticas por meio das quais surgem outras obras em outros formatos. Exemplos deste tipo de abordagem podem ser exemplificadas. Um deles é a peça musical *Quadros de uma Exposição: Uma Lembrança de de Viktor Hartmann*", escrita para piano por Modest Mussorgsky em junho de 1874.

Viktor Hartmann foi arquiteto e pintor, amigo de Mussorgsky e falecido um ano antes aos 39 anos de idade. Em março de 1874, por ocasião de uma exposição de seus quadros, Mussorgsky escolheu dez deles e compôs uma música para cada um. Uma homenagem póstuma ao amigo. Abaixo algumas das obras escolhidas:

Se quiser ouvir a peça musical pela Orquestra Sinfônica Brasileira acesse: https://www.youtube.com/watch?v=mjz2X0sy5co

Uma versão em Rock Progressivo. Em 1971, o grupo Emerson, Lake e Palmer, apresentam a obra num show. Em 2002, o álbum foi relançado, contendo tanto a versão original e uma nova gravada em estúdio. Aqui uma versão apresentada no Estádio Olímpico de Montreal, Canada em 1977: https://www.youtube.com/watch?v=NP72uIIf5Vw

Outra obra que segue o mesmo roteiro é "*Vincent*" do músico Don McLean, escrita como uma homenagem a Vincen Van Gogh. Seu verso inicial: *Starry, Starry Night* ", é uma referência à pintura de 1889: "Noite Estrelada". Ele a escreveu em 1970 depois de ler uma biografia sobre o artista. Para ouvir acesse o endereço: https://www.youtube.com/watch?v=XDfgBEB-qEk

Para ampliar um pouco o conhecimento em torno dessa ideia em teoria da Arte quando um texto verbal descreve ou recria uma obra visual este comportamento é chamado de ***écfrase.*** Alguns autores se dedicaram a ele, o linguista Roman Jakobson criou a expressão: ***tradução/transposição intersemiótica*** com maior amplitude e eficácia, para explicar as recriações de uma obra de um sistema de signos: verbal, visual, sonoro em outro. No país, este trabalho foi desenvolvido por Júlio Plaza, no seu livro: "*Tradução intersemiótica*".

Além dos exemplos já citados pode-se recorrer a alguns outros:

Na transposição da Pintura para Música:

Serguei Rachmaninoff, *A Ilha dos Mortos,* um poema sinfônico inspirado no quadro homônimo de Arnold Böcklin.

Ottorino Respighi, *Trittico Botticelliano,* três movimentos orquestrais baseados em pinturas de Botticelli: *O Nascimento de Vênus* e *A Primavera*.

Paul Hindemith, *Mathis der Maler,* ópera/sinfonia baseada no Altar de Isenheim, de Matthias Grünewald.

Pode se atribuir o motivo de tal comportamento ser pouco comum no ambiente social é o fato de que a apreciação artística se tornou uma atividade de caráter intelectual, teórica e sistemática, pouco comum à maioria das pessoas. Obter informações que gerem conhecimentos sobre a Arte como apreender, compreender e obter sentidos e significação sobre obras, artistas, movimentos, tendências, escolas e tantas outras categorias de manifestação se tornou uma função quase que exclusivamente acadêmica e universitária.

Neste sentido, mesmo na academia, não são todas as pessoas que se dispõem a identificar e escolher maneiras de abordar algum tipo de Manifestação Artística em Arte Visual. Embora seja uma tarefa necessária, implica em aprendizagem e escolhas e, tais escolhas, implicam em dedicação e compreensão de que certas abordagens funcionam melhor em alguns casos, mas podem não ser adequadas em outros, portanto, é um exercício continuo de pesquisa e aplicação de conhecimento.

Uma das primeiras questões para fazer uma escolha é identificar uma ***Teoria*** que dê conta da observação e das análises que se quer realizar. Vários autores se dedicaram a identificar possíveis Teorias capazes de clarear, abordar e enriquecer o conhecimento *Sobre* a Arte ou *Em* Arte. *Sobre* se refere a tudo o que se construiu em torno da compreensão deste fenômeno cultural e *Em*, se refere aos processos realizatórios ou às Poéticas adotadas pelos produtores de Arte ao longo do tempo.

A própria História da Arte é um dos campos teóricos que se dedica aos estudos das manifestações artísticas. Antes dele as especulações dos pensadores gregos inauguraram as reflexões em torno de sua significação, o que proporcionou, mais tarde, o surgimento da Estética que se configura como um meio de análise dos processos de realização das Obras de Arte em busca de suas essências significativas. Portanto há conhecimentos especializados *Sobre* e *Em* Arte.

Não se deve ignorar que outros campos teóricos contribuem para o conhecimento nesta área como, por exemplo, a Arqueologia, a Antropologia, a Etnografia, Sociologia, Iconologia, Iconografia, Psicologia e Semiótica entre outros tantos que possibilitam várias e diferentes abordagens em torno da Arte como um todo e da Arte Visual, em especial. Com todo este arsenal teórico e metodológico, não se pode considerar que apenas um deles seja suficiente ou definitivo para resolver todas as questões postas.

Para se aproximar de uma visão mais atual, vale recorrer à Escola de Frankfurt da qual participaram Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jüngen Habermas entre outros. Estes autores possibilitaram um olhar mais acurado sobre a comunicação de massa, a sociedade de consumo e as teorias sobre a Indústria Cultural e se tornou obrigatória para o conhecimento da Arte a partir do passou-se a entender por Pós-modernidade, mas é necessário voltar atrás e seguir o caminho percorrido pela História.

Embora as primeiras abordagens sobre a Arte, tenham surgido das especulações dos pensadores gregos. Não se pode dispensar a aproximação dos teóricos da Idade Média e, em especial, do Renascimento ao tomar como base dos estudos a vida dos artistas e suas biografias. Isto estimulou uma visão sobre a índole e a capacidade destes personagens e suas produções dando margem a leituras tanto subjetivas quanto objetivas que chegou praticamente ao século XIX e XX e depois as rupturas das Vanguardas que alteraram este percurso.

Abordagens psicológicas contribuíram para os estudos das imagens e configurações visuais como a Teoria da Gestalt e atualmente às ciências Neuronais e Cognitivas. É possível perceber grandes saltos nas manifestações artísticas que refletiram e ampliam a capacidade de observação e análise das quais participam até mesmo aparelhos e instrumentos capazes de “ler” o interior “da mente” e verificar como ela se comporta em situações de trabalho, um grande salto para compreensão do ato criador.

É possível perceber, portanto, que há uma trajetória complexa e contínua que vem sedimentando o pensamento sobre Arte ao longo do tempo e que continua subvencionando as estratégias de aproximação, apreensão sensível e amparando o conhecimento das manifestações artísticas enquanto fenômeno sociocultural. Isto comprova que as análises, apreciação ou leitura artística não é algo subjetivo ou ao acaso, mas resultado da capacidade de operar condutas estruturadas dentro de lógicas estéticas para gerar e disseminar conhecimento.

Negar esta capacidade é o mesmo que dizer que a Arte é algo inútil para a sociedade e por consequência o percurso que realizou, nos milhares de anos da existência humana, também foi inútil.

A simples existência da Arte é uma provas incontestável de sua importância. Ela acompanha o ser humano desde as primeiras eras até hoje. Mesmo que em certos momento apresente alguma dificuldade de inteligibilidade, não a impede de existir.

Neste sentido, se é possível defender uma "*Lógica Estética*" que ampare tanto a produção quanto a apreciação artística desde seus primeiros momentos de existência, há que se descobrir como identificá-la ou categorizá-la para mantê-la no contexto científico. Esta foi a intenção de Baumgarten. Portanto a delimitação teórica e metodológica é essencial na orientação de qualquer abordagem. Como se sabe, Métodos partem ou estão baseados em Teorias, logo, várias correntes Teóricas podem contribuir para as análises.

Aqui entram os estudos sobre as Teorias que foram elaboradas ao longo do tempo para promover aproximações com as manifestações artísticas. Muitas servem de apoio para o entendimento e construção do conhecimento Sobre Arte e Em Arte são elas que contribuem para as Abordagens Metodológicas usadas no campo da apreciação artística. Esta é a questão principal: quais abordagens ou metodologias surtem melhores efeitos nos estudos, análises e apreciação das manifestações artísticas?

Responda:

1. Qual a finalidade das Análises Artísticas?
2. Que aspectos podem ser relevantes nas análises das Obras de Arte?
3. Cite três valores que considera importante numa Obra e Arte e os descreva.
4. Escolha um dos valores que apontou e o identifique numa Obra de Arte.
5. Quais diferenças podem ser apontadas entre a Abordagem Acadêmica e uma Abordagem Subjetiva?